

Sumário

Abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial.....7 <i>Carlos Skliar</i>	7
Exclusão e alteridade: de uma nota de imprensa a uma nota sobre deficiência mental.....21 <i>Ricardo Burg Ceccim</i>	21
Atividades dramáticas com estudantes surdos.....51 <i>Sérgio Andrés Lulkin</i>	51
O processo avaliativo da inteligência e da cognição na Educação Especial: uma abordagem alternativa.....67 <i>Hugo Otto Beyer</i>	67
A mediação material e sígnica no processo de interação de crianças surdas81 <i>Maura Corcini Lopes</i>	81
Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos105 <i>Carlos Skliar</i>	105

CORTESIA DO EDITOR

INTRODUÇÃO

Abordagens Sócio-antropológicas em Educação Especial

••• Ricardo Burg Ceccin inaugura este volume através de uma revisão crítica sobre o significado histórico e atual da deficiência mental. Com tal objetivo constrói uma trama a partir de uma notícia de um jornal acerca de uma mulher encarcerada, injustamente, por sua deficiência. É interessante notar como os meios de comunicação contribuem, às vezes impiedosamente, à formação de uma representação social, de um estereótipo que promove a idéia de que os deficientes são, em realidade, sujeitos perigosos, furiosos, dignos de ser afastados e estudados com o microscópio do racismo. Tal como assinala o autor, há uma extensa tradição histórica cheia de mal entendidos e de más intenções sobre a deficiência mental. E talvez, como o próprio Ceccin observa, é a hora de rebelar-se contra a justificativa mais organicista da deficiência.

O segundo trabalho corresponde a Sérgio Lulkin, que assume como foco de sua proposta as atividades dramáticas com estudantes surdos. É talvez a surdez, e suas acepções, o exemplo mais paradigmático da troca de modelo conceitual dentro da educação especial. Os surdos, considerados também historicamente como pessoas incompletas, doentes e alienadas, passaram a ser vistos na atualidade como membros de uma minoria lingüística e de uma cultura - ou contra/cultura - minoritária. Nessa direção, o autor avança sobre a hipótese de que as atividades dramáticas dentro do contexto escolar permitem a construção e a reconstrução de uma memória sócio-cultural da comunidade de surdos. Essas atividades formariam parte da essência ideológica de um provável currículo cultural para essas pessoas, em contradição com as típicas disciplinas autoritárias e

carentes de significação cognitiva e lingüística dos próprios surdos.

No terceiro artigo, Hugo Otto Beyer assume uma abordagem alternativa para o processo de avaliação da inteligência e da cognição na educação especial. Tal processo avaliador, talvez um dos fatos mais dolorosos dentro do paternalismo e do colonialismo existentes nessa forma de educação, representa também um ponto máximo de aproximação com relação aos problemas da educação geral. Não há dúvida de que a avaliação educativa -como sistema vertical, unilateral, descontextualizado, de poder, atemporal, conservador, etc.- pode produzir influências negativas no desenvolvimento da vida de um sujeito. Inclusive pode desviar seu destino -social, institucional, cognitivo, afetivo- com relação à maior das escuridões existenciais. O autor propõe, além de uma significativa revisão do conceito próprio de inteligência e de sua avaliação, uma discussão sobre a relação entre dotações naturais dos sujeitos e seu destino em nível social e econômico. A explicação dessa relação só através de argumentos calcados do âmbito endógeno individual significa, para Bayer, mascarar uma realidade que inclui sobretudo aspectos macro-estruturais.

No quarto artigo apresenta-se uma experiência prática concreta desenvolvida por Maura Corcini Lopes sobre certos mecanismos de mediação no processo de integração das crianças surdas. A partir do enfoque sócio-histórico de Vygotsky, a autora trabalha sobre uma idéia de atividade e, sobretudo, de integração dos surdos, bem diferente da habitual. Trata-se daquela integração que supõe não a necessidade de que as minorias percam suas características mais peculiares para parecer-se e assimilar-se a uma virtual maioria, mas de um processo inverso: a aceitação da diferença -não da deficiência- como mais um exemplo da diversidade humana, para a construção de um verdadeiro processo educativo.

No último artigo eu analiso, também a partir de um enfoque sócio-histórico, os aspectos mais salientes da transição en-

tre modelo clínico e o modelo sócio-antropológico da surdez. A partir de uma série de colocações históricas, metodológicas, comunicacionais e cognitivas, busco alinhar a complexa trama de uma construção educativa possível para os surdos, desde os surdos e junto aos surdos.

A partir das perspectivas analisadas e levando em consideração as demandas atuais da educação especial, o presente volume pode constituir um ponto de partida para desacomodar certas tradições às quais tão acostumados estávamos. É esse o sentido primordial da produção científica e esperamos oferecer nestas páginas uma contribuição útil nessa direção.

Carlos Skliar